

**ISABEL  
NOGUEIRA**  
**HISTÓRIA DA ARTE  
EM PORTUGAL**  
Do Marcelismo ao  
Final do Século XX

## Índice

Apresentação . . . . .	11
1. No trilho da modernidade: panorama artístico, políticas culturais, instituições e ensino artístico . . . . .	15
2. As artes plásticas em Portugal do Marcelismo ao final do século xx: gramáticas artísticas, teorização e crítica . .	83
2.1. As gramáticas artísticas e o estado da arte . . . . .	83
2.2. O pensamento e o estado da crítica . . . . .	153
3. A prática artística colectiva e a relação com alguns percursos individuais: vanguarda, pós-modernismo e globalização . . . . .	189
3.1. Vanguarda e a exposição <i>Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea</i> (1977) . .	189
3.2. Pós-modernismo e as exposições <i>Depois do Modernismo</i> (1983), <i>Os Novos Primitivos: os Grandes Plásticos</i> (1984), <i>Atitudes Litorais</i> (1984), <i>Arquipélago</i> (1985) e <i>Continentes: V Exposição Homeostética</i> (1986) . . . . .	211

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL

3.3. Globalização e as exposições <i>10 Contemporâneos</i> (1992) e <i>Imagens para os Anos 90</i> (1993) . . . . .	237
Conclusão . . . . .	241
Bibliografia . . . . .	247

#### APRESENTAÇÃO

para o entendimento das artes plásticas no nosso país neste período poderão ser de facto os conceitos de vanguarda e de pós-modernismo, continuamente evocados no decorrer das décadas de 70 e 80, respectivamente, e como veremos. Os anos 90 representariam a consolidação de uma modernidade e de uma efectiva integração cultural e artística.

O objecto de estudo deste trabalho centra-se, portanto, em acontecimentos – nomeadamente, algumas exposições colectivas implicativas, já que os eventos colectivos foram uma tónica, sobretudo dos anos 70, mas também dos anos 80, constituindo-se como um terreno conceptual e objectualmente representativo na percepção da vontade da arte –, percursos, artistas, obras, políticas culturais de fundo, instituições, ensino artístico, publicações periódicas da especialidade, problematização teórica e crítica, e ligação, naturalmente, ao pano de fundo internacional. É na análise crítica da encruzilhada destes elementos que esta história da arte em Portugal se posiciona. Não obstante os tempos e a intensidade da arte portuguesa não terem sido, muitas vezes, os mesmos da arte ocidental – especificamente dos centros artísticos mais eminentes, como Estados Unidos da América, França, Alemanha, Itália ou Reino Unido –, as exposições em causa e certos percursos individuais conseguem ir além da crença, mais ou menos comum, de uma certa roupagem de importação – nomeadamente quando se faz alusão aos anos 70 portugueses –, colocando a hipótese da necessária reavaliação da própria história da arte em Portugal do período em análise, tornando-a parte efectivamente constitutiva do movimento, mais vasto, da história da arte ocidental.

## 1.

### **No trilho da modernidade: panorama artístico, políticas culturais, instituições e ensino artístico**

A primeira questão que importa evidenciar é a de uma certa autonomização da história das artes plásticas face à cronologia dos acontecimentos políticos, que se vinha fazendo já a partir de um processo de activação das individualidades criativas. Na verdade, viveu-se um compreensível optimismo histórico, particularmente em três momentos relevantes – o início do Marcelismo, a Revolução de Abril de 1974 e a adesão à Europa, em 1986 – que, naturalmente, fez supor um adiantamento do panorama sociopolítico relativamente ao artístico. Mas há que problematizar. Vejamos.

O ano de 1968 assinalou a substituição de António de Oliveira Salazar por Marcelo Caetano na chefia do Governo, isto é, na presidência do Conselho de Ministros. Esta substituição, aliada a uma certa reputação liberal de que alegadamente Marcelo Caetano gozava, auspiciava alguma abertura do regime político. De facto, inicialmente o novo chefe do Governo pareceu respirar uma brisa de mudança, a chamada “Primavera marcelista” ou “renovação na continuidade”. Contudo, as eleições de 1969 não respeitaram as regras da democracia, saindo gorada a vontade de eleger os candidatos das listas de oposição – a CDE (Comissão Democrática Eleitoral) e a CEUD (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática). Esta situação seria agravada pela reeleição, em 1972, de Américo Tomás para a presidência

da República. A repressão mantivera-se, assim como a guerra colonial, acentuando o clima de descontentamento interno e externo face à política portuguesa e ao evidente isolamento do país. Portugal envolveu-se numa desgastante guerra de guerrilha contra os movimentos independentistas, perdendo oficialmente a vida quase nove mil indivíduos, num drama humano e num esforço de guerra inoportável.

Os derradeiros anos do regime corporativo demonstravam uma crise crescente, inclusivamente espelhada na própria diminuição dos salários reais, entre 1971 e 1973, e consequente agravamento dos conflitos sociais<sup>(1)</sup>. A emigração rumo à Europa – especialmente rumo a França e à República Federal da Alemanha – atingiu, em 1970, o seu ponto mais elevado<sup>(2)</sup>. À crise política e económica, agudizada pela crise petrolífera mundial de 1973, juntava-se a crise social, num país cada vez mais fechado e – porque não dizê-lo? – triste.

Já em 1960, Paula Rego (n. 1935) pintara a tela *Salazar a vomitar a pátria* [1], claramente denunciadora e crua. No ano seguinte, tinha sucedido o que ficaria conhecido como “Operação Dulcineia”, que conduziu ao assalto do paquete *Santa Maria* por Henrique Galvão e seus companheiros ao largo do mar das Caraíbas. A operação saíra gorada e os seus protagonistas refugiaram-se no Brasil, sob Governo de Jânio Quadros. No âmbito deste acontecimento, Joaquim Rodrigo (1912-1997) pintava a tela *S-M (Santa Maria)* [2]. Em 1969, os estudantes vieram para a rua contestar o regime opressor, assistindo-se, em 1972,

---

(<sup>1</sup>) Cf. FERREIRA, José Medeiros, Portugal em transe (1974-1985). In MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. Vol. 8, p. 17.

(<sup>2</sup>) Cf. BAGANHA, Maria Ioannis, A emigração portuguesa no pós II Guerra Mundial. In PINTO, António Costa (coord.), *Portugal contemporâneo*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2000, pp. 213-131.

a um reforço da repressão e da censura, bem como das prisões políticas. A luta clandestina contra o regime intensificou-se nos meios intelectuais, estudantis, operários e mesmo militares. Neste âmbito, diversas publicações assumiram um certo carácter “despertador”, tais como *O Tempo e o Modo*.

Mas o que sucedia, por estes anos, com as artes plásticas? A verdade é que os anos 60 foram inequivocamente importantes no equacionar e no próprio rumo das artes plásticas em Portugal. Na perspectiva de João Pinharanda ou de António Rodrigues, os anos 60 portugueses terão sido decisivos no que respeita aos desenvolvimentos da arte, marcando uma tentativa de diálogo e de acompanhamento das tendências internacionais do momento, num país claramente periférico. Como escreveu João Pinharanda: «Os anos 60 são os mais decisivos da arte portuguesa depois dos anos 10 – como se se pudesse falar de uma “segunda década” instauradora»<sup>(3)</sup>. Segundo António Rodrigues, a década de 60 foi privilegiada devido aos pressupostos inovadores em torno da imagem e do signo, assim como dos fundamentos conceptuais e perceptivos do objecto. Esta inovação terá que ver, segundo Rodrigues, não com as condições sociomateriais da vida artística portuguesa da época, mas com o posicionamento cultural de artistas e de obras<sup>(4)</sup>, ou seja, com uma efectiva autonomização de indivíduos e de trabalhos, numa procura de novos horizontes de experimentação. Concordamos com esta opinião, consolidemos e vejamos outras.

---

<sup>(3)</sup> PINHARANDA, João, Anos 60: a multiplicação das possibilidades. In PEREIRA, Paulo (dir.), *História da arte portuguesa: do barroco à contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. 3, p. 602.

<sup>(4)</sup> Cf. António Rodrigues. In *ANOS 60, Anos de Rupturas: Uma Perspectiva da Arte Portuguesa nos Anos Sessenta*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94/Livros Horizonte, 1994, pp. [5-21]. [Catálogo da exposição].

Na opinião de Bernardo Pinto de Almeida, e não obstante os anos 60 terem constituído um período de modificações fundamentais, não terão sido propriamente “anos de ruptura”, já que a arte portuguesa vinha sendo transformada por uma longa mudança de estatuto, sentido, função e intenção, que se afastava da pureza ideológica do modernismo histórico, acompanhada por um processo internacional que questionava o próprio “conceito de vanguarda”<sup>(5)</sup>. Contudo, em nosso entender, e na verdade, o conceito de vanguarda só seria efectivamente questionado no final dos anos 70, quando se perfilaria o final do vasto movimento da neovanguarda internacional e início do movimento pós-moderno, como veremos. De todo o modo, a década de 60 marcou uma efectiva vontade de modernidade. E isto é implicativo, acentuando pressupostos inovadores, alguns vindos dos anos 50, materializados, e concretamente, no informalismo e na nova figuração<sup>(6)</sup>, assim como nos desenvolvimentos da *pop art* e da arte conceptual, da arte minimal, da *land art*, da *performance*, do *assemblage* – trazido ao contexto artístico por Jean Dubuffet, em 1953 –, entre outros modos expressivos que se prolongam pelos anos 60 e até 70.

Esta fragmentação associada a um individualismo criativo ter-se-á devido, de forma determinante, ao contacto com o exterior, que se processou através dos artistas emigrados, das curtas viagens aos centros artísticos mais eminentes, das poucas

---

<sup>(5)</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de, Os anos sessenta ou o princípio do fim do processo da modernidade. In PERNES, Fernando (coord.), *Panorama arte portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999, pp. 213-214.

<sup>(6)</sup> Ver DIAS, Fernando Paulo Leitão Simões Rosa, *A nova-figuração nas artes plásticas em Portugal (1958-1975)*. Lisboa: [s.n.], 2006. Tese de Doutoramento em Belas-Artes, área de especialização em Ciências Arte, apresentada à Universidade de Lisboa.